

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA



EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

ASSINATURAS
Série de 10 números—No concelho de Tavira... 9500
—Para outras localidades... 9590
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

Procissão de Cinzas

HOJE, pelas 16 horas, realizar-se-á, nesta cidade, a tradicional e imponente procissão de Cinzas, uma das mais lindas do Algarve.

Tavira inicia as suas festas quaresmais com a procissão de Cinzas, que sairá da igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, sendo acompanhada no seu percurso habitual pela excelente Banda de Tavira.

Como de costume, é de esperar grande afluência de forasteiros.

Tavira mantém assim as suas tradições religiosas, merecedor do esforço e boa vontade de alguns católicos.

Adeus, Tavira!...

De TIBÚRCIO FRANCISCO RIBEIRO

Adeus, Tavira!... Vou partir e, quem sabe, talvez, se para sempre!

Que jornadas imprevisíveis nos reservam, no calendário enigmático do Futuro, as imposições caprichosas do Destino?

Não sei... Apenas te digo comovidamente — Adeus!... e, se possível for, até um dia!

Foi sobre as tuas ruas velhinhas e cheias do mistério das sombras introduzíveis do Passado, que, à luz pirilámpica dos astros do Infinito, passei os meus devaneios de menestrel sonhador e enamorado!

Belas manhãs dominicais, em que o Sol, loiro Apolo, entoava Te-Deus de Triunfo e de Glória sobre a prata deslumbrante das águas oceânicas... Adeus! Adeus religiosidade incomparável e sublime de tardes inspirativas e perfumadas!

Adeus, arcadas e balaustres, janelinhas floridas, sorrisos alvissareiros de lábios de carmim, olhos ardentes como um sol de trópicos, despertando seivas e movimentando élitros caprichosos de borboletas de Amor!

Adeus, horas da esplanada e noites febrilmente iluminadas do Parque, em que eu embalava em movimentos rítmicos de dança, numa onda azul de delícias involvidáveis, a graça tentadora de sílbes vaporosas que nos sorriam meigamente!

Adeus, jardim da Lagoa, e tu, palmeira gentil, a cuja sombra acolhedora devaneei quimeras e construí palácios ideais de ventura, enquanto na atmosfera translúcida, impregnada de aro-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



IGREJA DE SÃO FRANCISCO

A lição da História

OS historiadores oferecem nos sábios e profundo discorrer deslizando pelas Eras e pelas Épocas. E catar com paciência amorável livros de História, poeirentes alfarrábios e vetustos papéis esquecidos, é curiosidade repousante que deleita o espírito.

E eu sou daqueles que respigam. Dos que se alegram quando acertam de encontrar pedaço que pareça deslembado. E quando assim sucede, é com carinho e com ternura que o trago à luz do dia, e o ofereço aos meus irmãos «em curiosidade».

Deste fraterno enlevo que mora alpendurado no gozo de dar e aceitar, só ficam arredados os que unicamente apreciam a vida vegetativa ou os indiferentes crónicos; os quais de uma ou outra casta, dele usam motejar nesciamente. Porque não entendem estas coisas, ou porque no seu pendôr para a preguiça mental, não conseguem alcançá-las.

Dentre as várias definições de História Universal que tenho lido, a mais completa e sintética que conheço é a do Padre António Vieira: *A História é a mãe da verdade, emula do tempo, depósito das acções, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.*

Ora, se algum estudioso do Passado compulsar qualquer História Universal, aparte a história comparada das religiões—o mais interessante estudo que conheço—a história da filosofia e do progresso mental ou espiritual e material dos Povos idos e exist-

O Carnaval no Algarve

EM virtude do mau tempo, não se realizaram as imponentes batalhas de flores que estavam anunciadas.

Alguns milhares de forasteiros não puderam, por tal motivo, apreciar devidamente o excelente panorama das amendoeiras em flor.

Segundo nos consta, realizam-se hoje, em Olhão e Loulé, em benefício dos Hospitais daquelas localidades.

Oxalá que o tempo se mantenha bom para não voltar a prejudicar as casas de beneficência, que bastante necessitam.

POR DAMIÃO DE VASCONCELLOS

tentes, à parte aqueles estudos que nos elucidam acerca da evolução espiritual da Humanidade através das Idades, a lição que nos dá a História Universal é a das guerras constantes que têm ensanguentado o nosso planeta, juntamente com as suas calamidades, ou seja no dizer do padre António Vieira: *«O estado de guerra é aquela calamidade com-*

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

BERNARDO DE PASSOS (11) TRASLADAÇÃO

DOS RESTOS MORTAIS PARA O JAZIGO MONUMENTO

Os Jogos Florais na Praia da Rocha em 1930 e a poesia-mote

PROPÓSITO do monumento, é interessante registar o movimento de solidariedade dos algarvios para perpetuar a memória do tão ilustre poeta.

Como já nos referimos, foi constituída uma comissão em Junho de 1930 para a construção a fim de transmitir à posteridade a memória de Bernardo de Passos. Ora, na Praia da Rocha, no final da época balnear, no ano em que faleceu o poeta, as mais altas individualidades que aí se encontravam promoveram uma grandiosa festa em sua honra, no Pavilhão Avenida. Do «Diário de Notícias» de 9 de Outubro de 1930, com o título «Na Praia da Rocha, os Jogos Florais foram muito concorridos, etc...», transcrevemos os seguintes períodos:

«O Dr. José Júlio Rodrigues recordou a figura do poeta e verdadeiro santo, que era Bernardo de Passos, autor da quadra posta a

PONTOS DE VISTA

António Viana

EM Abril de 1912 a «Ilustração Portuguesa» fazia várias referências à *Canção Portuguesa* que começava a despertar no público o mais vivo interesse, prometendo faustosa carreira.

António Arroyo abriu a série de conferências que à mesma dizia respeito, enquanto o actor Alexandre d'Azevedo a introduzia admiravelmente no palco do República, de onde transitou, com êxito brilhante, para os mais distintos salões de Lisboa.

Apareceu então o Dr. António Viana com um feixe das suas primorosas canções e ei-lo que magistralmente as ensaia a um grupo de senhoras da nossa sociedade, interpretando os sublimes temperamentos de poetas, como Junqueiro e Júlio Dantas, em seguimento das pisadas de Tomaz Borba e Stuart Torrie que igualmente punham em destaque versos excelentes de Lopes Vieira, Gil e outros.

Tanto bastou para que o seu nome ficasse logo gravado no coração dos que assistiram a essa grande manifestação de arte e se espalhasse triunfalmente pelos que assim a adivinhavam e sentiam a beleza incomparável da música da sua própria terra.

O Dr. António Viana revelava-se um delicado artista que sabia aproveitar a melodia poética de génios em destaque, para nos

ARTIGO DE ACCURCIO CARDOSO

presentear com valiosas produções musicais, cheias de encantamento e ternura. E as muitas páginas que escreveu de deliciosa música portuguesa, que correm em livros dispersos dentro e fora do país e que os nossos teatros

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse

Mundo fora...

René Plevén esteve nos Estados Unidos, onde conferenciou com Truman acerca dos problemas internacionais, especialmente pelo que respeita aos que interessam à França e à América do Norte. As conclusões a que chegaram o chefe do governo francês e o Presidente revelaram, mais uma vez, que terá insucesso qualquer tentativa destinada a perturbar as boas relações existentes entre os dois países.

Getúlio Vargas, novo presidente do Brasil, eleito por grande maioria, tomou posse do

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

POR LUIS BONIFÁCIO

risada desta festa, em que o mote a ser glosado era a quadra:

«Dis bem a minha tristeza ao pé da tua alegria. — Para o mundo ser mais belo Fex Deus a noite e o dia.»

O sr. Dr. Justino de Bivar diz: «O Dr. José Júlio Rodrigues, ev-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Na Hora da Partida

UM ADEUS

por M. G. da Silva

NÓS, os milicianos, vamos partir...

Mas, no entanto, partimos com saudade e sabemos que, por detrás da cortina deste casario branco, debruçado narcisicamente sobre o Gilão, olhos meigos de apaixonados corações, se hão-de estender por esse Portugal além, murmurando um indefinido adeus!... E vejam como tudo, menos os homens, nos saúda: as amendoeiras, que sabem que não somos tão vis como certos nos julgam, já se cobriram de flores; o Gilão, com o seu pranto, aumentou o caudal de suas águas; o céu, dum azul puríssimo, escureceu! Nos cafés, os

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



O Jazigo monumento onde repousam os restos mortais do autor do «Refúgio»

A VENCENÇA

O Mandarim de cetineta azul

A VOZ dolente do meu mandarim, a pouco e pouco foi morrendo, ganhando doçura, até que se extinguiu como num sussuro.

E eu fitei de novo os seus olhos, numa ânsia de descobrir aquele meu desconhecido, a que um bocado de cetineta azul cobria o rosto.

Mas, nada vi, ou por outra, vi uns olhos que se fecharam instintivamente, com receio de serem descobertos.

Pedi que tornasse a cantar, e de novo a sua voz, mais meiga, mais apaixonada, enlouou dolentemente aquela serenata que a pouco e pouco me foi prendendo.

Ergueu-se, e quando lhe estendi as mãos, para o reter, recuou espantado, enfiou teimosamente as mãos nas largas mangas da rica cabaia, e desliçou, como se fora um mongol.

O seu corpo, bem disfarçado sob a larga cabaia, deixou-me indecisa: Conhecido? Desconhecido?

No recanto escuro da minha memória, eu vislumbrei uma silhueta idêntica — a mesma altura, a mesma voz apaixonada.

Tudo isto cercado duma neblina, que me fazia duvidar da minha memória. Eu não tinha a certeza, e tinha medo que assim fosse.

Mas fui interrompido na minha cogitação, pelo seu regresso. A cabeça, com uma vénia airosa, convidou-me a dançar. Segui-o, e rodopiámos incansavelmente, numa vertigem.

Cada vez mais eu sentia que dentro de mim algo se avolumava duma maneira assustadora.

Para quê tanto entusiasmo, se não conhecia o meu mandarim? Decerto era igual a tantas outras máscaras que eu conhecera — máscaras sem feições, em que se escondiam rostos diferentes e que prendiam a minha atenção, momentaneamente.

No entanto, aquela cetineta azul fascinava-me, e, ao fim de algum tempo, eu vislumbrei, através dos dois orifícios dos olhos, uns olhos que me assustaram — eram esverdeados, de cor indefinida.

Parei de dançar. Eu tinha medo do meu sentimento, e sai da sala. Cá fora, ele estendeu-me as mãos másculas, numa ânsia de me conservar ali.

E de novo, ele começou a cantar. Não a mesma serenata,

mas outra, aquela que veio acordar em mim tudo aquilo que o tempo adormecera; aquela que, como um raio de sol, fez desaparecer a neblina que encobria o meu cérebro.

Então, eu fugi. Fugi daquela voz dolente, apaixonada; fugi da sua silhueta de alleta; fugi dos seus olhos esverdeados e fugi das suas mãos másculas.

E porquê? Fugi, porque eu reconheci o meu mandarim.

Jarmila Baptista

Noticias Pessoais

TROVA

Não me apertes ao bailar,
Que não tem graça nem jeito;
Não é quem mais me apertar
Que mais eu sinto no peito.

Frasquita Manuel

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Sr. José Lázaro Pereira.
Em 12—D. Maria Isabel Peres Jara e sr. António Elísio Nobre Lopes.
Em 13—Mle. Maria Catarina Terremoto, D. Augusta Xavier da Silva Mello e Sabo e sr. Manuel Maria Isidoro Costa.
Em 14—D. Brites Baptista Falcão Santos, D. Lucília Soares Mansinho Soares, D. Maria Valentina Pires Fernandes, Mle. Maria Idalina da Encarnação Gonçalo, srs. António Ramos Dias, Valentim Lopes e António Cavaco.
Em 15—Srs. Fausto Manuel Pires Dias e Custódio Cesaltino Elias Ferreira.
Em 16—D. Maria Marília Ribeiro de Jesus, D. Maria das Dores Ribeiro de Jesus, D. Maria Emilia Ribeiro, D. Maria Bernardina de Jesus Pereira, menino Valdemar Sisenando Monteiro Baptista, srs. Joaquim Porfírio Pires Faleiro e Filipe P. da Fonseca e Silva.
Em 17—Mle. Silvina da Conceição Ramos, D. Tomásia dos Santos Dias, menina Maria Manuela Rodrigues de Carvalho e sr. Capitão Joaquim Avelar Santos.

Partidas e Chegadas

Vieram passar a época carnavalesca a Tavira as meninas Marília Ivone e Alina, gentis filhas do nosso prezado assinante Manuel Joaquim Vaz, residente no Barreiro.
—Esteve nesta cidade o sr. José Augusto Baptista Pires, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Olhão.
—Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo e assinante sr. António Gil Madeira Teixeira, chefe da Agência da Caixa Geral de Depósitos, em Olhão.
—Regressou da capital a sr.^a D. Maria da Estrela Ribeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. Capitão Jorge Ribeiro.
—Com sua esposa, encontra-se em Tavira o nosso prezado assinante sr. João Higino Gonçalves de Campos, proprietário, residente em Lisboa.
—Com sua esposa, esteve nesta cidade, onde veio passar o Carnaval, o nosso conterrâneo sr. Celestino dos Santos Amaro Júnior, funcionário dos escritórios da C. P., residente em Lisboa.
—Com sua família, vimos nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos.
—Esteve nesta cidade a sr.^a D. Maria Emilia Ribeiro Padinha, residente em Lisboa.
—Esteve nesta cidade o sr. José Filipe Ribeiro, estudante do Instituto Industrial de Lisboa.
—No gozo de férias, vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Oscar Correia, estudante de Veterinária.
—Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. António Martins, 1.^o sargento do Exército, residente em Lisboa.
—Com sua esposa, esteve nesta cidade, onde veio passar o Carnaval com sua família, o nosso prezado amigo sr. Dr. Renato Mansinho da Graça, distinto médico operador.

Casamentos

No dia 4 do corrente, realizou-se, na igreja de Santa Maria, o casamento do sr. Pedro Correia Pimenta, guarda da Polícia de Segurança Pública, em Faro, com a sr.^a D. Olívia Maria Mestre, filha do sr. José Mestre, soldado da G. N. R.
Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Manuel Augusto de Miranda Ferreirinha, ourives, e sua esposa sr.^a D. Maria Catarina de Jesus Ferreirinha, e, por parte do noivo, o sr. José Lopes da Ponte e sua esposa sr.^a D. Marília Palma Galhardo da Ponte.
Aos conjugues desejamos muitas felicidades.
No dia 5 do corrente, realizou-se, na igreja do Carmo, o enlace matrimonial da sr.^a D. Amabilia Rosa Rosa Viegas Pereira com o sr. José Gregório de Freitas Trindade, siderotécnico.
Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Padre António Manuel Nobre e Mle. Maria da Conceição Euzébia Simões; e, por parte do noivo, o sr. José Joaquim Gonçalves.
O casamento foi precedido de missa.

Partida...

UM movimento desusado animava a «gare» naquele dia. Curioso, indaguei dum garoto que, ajojado sob o peso de volumosa mala, seguia de perto um jovem de porte desempoeirado. Solícito, responde-me: é a partida dos milicianos!

Mordido por uma curiosidade natural, fui ver. E a um canto da pequena, mas asseada «gare», me quedei, interessado, a ver a partida daqueles que, durante meio ano, deram alma a esta Princesa do Gilão.

Espectáculo cheio de vida e cor aquele que presencié! Jovens de sorriso franco a animar-lhes os rostos queimados pelo Sol do Sul, almas cónscias do seu dever, dever sagrado que a Pátria confiou em seus peitos de soldados: — conservar sempre viva a chama ardente da Liberdade!

Enquanto esperam pelo monstro de ferro que os levará a seus lares distantes, em gozo de curtas férias, após o que irão completar sua instrução para a conquista das primeiras divisas amarelas... enquanto esperam, dizia, dão largas ao seu espírito despreocupado e feliz, contando as últimas anedotas e, talvez... a aventura da véspera.

De não muito longe, vem até mim o sussurro de duas vozes que falam de amor e promessas. Ele, com as mãos dela nas suas, olhos nos olhos, promete-lhe voltar um dia. Ela, olhos negros, ardendo em paixão, lábios de coral, tentando, pede-lhe que jure. E ele jura...

Um silvo agudo, ferindo os ares, foi perder-se, lá ao longe, junto à praia. Enegrecem os ares grossos rolos de fumo, que subindo, subindo sempre, parecem querer elevar em suas espirais fantásticas o último adeus dos que partem, saudando os que ficam.

E eis o colosso em marcha, rumo ao Norte dos verdes vales, dos regatos sussurrantes, saltitando por ladeiras que o Sol, batendo em chapa, torna de prata; ao Norte dos poentes românticos, dos rouxinóis, soltando seus queixumes de amor por noites de luar, ao Norte das esfolhadas à luz da candeta. Para trás, fica um passado não muito distante, um amálgama de recordações.

Mas não creias, ó Algarve das praias serenas, que eles te esquecerão. Nem só a recordação amarga das marchas através das tuas estradas envoltas em nuvens de pó, ou dos exercícios extenuantes ali na velha e desolada Atalaia, nem só o que de desagradável lhes fizeste sentir, perdurará em suas memórias. Não-de, por certo, recordar-te através os quadros de cor que a seus olhos, sempre desejosos do Belo, lhes ofereceste, e que um momento de felicidade, um só que fosse, lhes fixou na tela de suas almas.

As águas serenas do Gilão, caminhando vagarosas para o mar; a brancura das tuas casas; as filigranas das chaminés; as praias cheias de luz e as amendoeiras floridas, servindo de fundo à imagem duma morena de olhos negros, todas estas visões, que porventura um acaso gravou em suas almas, lhes farão recordar este Algarve laivado de indefinível tristeza. E do fundo dos seus peitos se escapará, então, um suspiro de saudade, recordando-te, ó Tavira do calmo Gilão, ó glades de tez morena, ó Algarve—Jardim florido!

J. do Vale

BERNARDO DE PASSOS

Compram-se as seguintes obras do poeta:

«Grão do Trigo»; «Portugal na Cruz»; «A Reação no Algarve»

Indicar preços para:

LUÍS BONIFÁCIO

Rua 7 de Junho, 15 - r/o - Dto.

AMADORA

Assuntos Bibliográficos

A crónica, o leitor e a crítica

STAMOS plenamente convencidos que quem lê uma obra literária, mediocre ou mesmo primorosa, tem todo o direito de criticá-la, quando esse direito é exercido com elevação, sobriedade e critério.

Todos os dias, na grande imprensa, os críticos ao fazerem a apreciação e o reclame de um livro ou de um opúsculo, no livre exercício das suas funções jornalísticas, elogiam-no ou passam-lhe uma esponja por cima, por vontade e verdade da sua consciência.

Tomamos como exemplo um livro de versos que se publicou há anos, em que um bibliógrafo ilustre foi mais longe, pois classificou-o como sendo a maior das vergonhas que ainda apareceu, lavrando-lhe a «sentença de mor-

te»... E nós, a seguir, fizemos-lhe um enterro de 1.^a classe, porque a obra não tinha qualidades estéticas de qualquer espécie, denotando em tudo falta de equilíbrio, de gosto e cor.

O seu autor julgou, talvez, que uma obra apocalíptica e ridícula, por mostrar desconcertante desigualdade, que era um opróbrio para as letras pátrias, não fosse alvejada e atingida pela seta da crítica?

Sabemos até que as individualidades ilustres a quem o autor desse feito literário dedicou alguns dos seus versos não ficaram satisfeitos, mas sim mal dispostos e talvez magoados com o estilo dos mesmos.

No geral, o autor de uma obra literária, quer esta seja de grande ou pequeno tomo, ou ainda mesmo que se trate de um pequeno artigo doutrinário, nunca terá a pretensão de reformar o mundo, nem tão-pouco no seu peito se poderá altear a esperança de que o mundo possa vir a endireitar-se.

Existem pelo país fora muitos indivíduos—alguns nossos conhecidos—que têm a mania de versificação, mas não são mais que uns dilettantes, que nada adiantam.

O dilettante é o amator e muitas das vezes o adulador. O dilettantismo é toda essa cauda de curiosos que marcham atrás do artista superior, imitando-lhe indistintamente qualidades e defeitos, festejando-o, sem as mais das vezes saberem por que o aplaudem e por que o festejam, mas, enfim, ajudando com o seu barulho de carneiros de Panúrgio e com as suas mesuras à consagração pública da nova ideia e de novas coisas, que é necessário fazer circular e criar raízes...

O dilettante não é mais que um preocupado, mais ou menos em futilidades, de modos de vida negativos, que os homens de hoje, quer no café quer no «dancing», buscam, para não morrerem de tédio no dia a dia duma existência que não tem um fim, porque nunca há-de conhecer as alegrias e as consolações do trabalho quotidiano da luta pela vida.

E então também são dilettantes os que, a maior parte das vezes, quiçá, sem consciência, se tornam uns escrevinhadores que, não se julgando sujeitos à seta da crítica, são nocivos ao prestígio da língua e da poesia portuguesas.

Muitos jornalistas, que pertencem à tribo de sonhadores e que têm a simplicidade de gastar alguns minutos no estudo das coisas de espírito julgam—como nós—ser dever condensar em letra redonda a expressão dos reparos dos seus leitores, quando tão ousadamente escrevem qualquer coisa para o público.

Ignoram eles, contudo, que o pudor convencional não fará tapar os olhos dos leitores na presença da verdade nua, como sempre é costume fazer na imprensa e em toda a parte.

Alguns indivíduos, que em prosa ou em verso, escrevem para o público, principalmente os que colaboram gratuitamente na pequena imprensa, são dilettantes, e então é natural que a maior parte das vezes não obedecem à regra geral do bom jornalismo.

Mas quando esse facto se dá, se se tratar de um incidente grave, em que a verdade não seja deturpada, se a hipocrisia tomar jeitos de castidade, é de rapar que, ferindo o autor — o ferro é cravado na própria língua do crítico.

Há então uma só diferença: o crítico não pode deterpar os factos; o autor narra-os com consciência e verdade.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

Boletim do «Povo Algarvio»

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Belenenses, 4 — Olhanense, 0

O Olhanense deslocou-se a Lisboa' afim de somar mais uma derrota, no seu já grande número. Já não existem esperanças e o Olhanense terá, irremediavelmente, que passar à 2.^a Divisão.

Ao lembrarmos a gloriosa carreira do grupo algarvio, não deixamos de lamentar a posição que ocupa na classificação, se bem que dos componentes que actualmente o constituem, não se aguardaria melhor e, duma maneira geral, vê-se que o Olhanense é nitidamente inferior ao penúltimo classificado, isto para já não falarmos nos primeiros; e seria erro de alguém se afirmasse que não tenha sido favorecido pela chamada sorte do jogo.

Se analisarmos o valor dos jogadores, verifica-se que, no decorrer da época, apenas quatro ou cinco se têm distinguido. São eles: Abração, Grazi-na, Abreu, Cabrita e, por vezes, Soares. Os restantes não podem ser considerados jogadores da 1.^a Divisão; uns, porque acusam veteranaria; outros, por inexperiência própria.

Assim, o Olhanense continua a necessitar de um dirigente técnico, que dê solução a tão difícil problema...

2.^a Divisão

Lusitano, 3 — Farense, 0

Em Vila Real de Santo António, efectuou-se no último domingo, para o Campeonato Nacional da 2.^a Divisão, o jogo entre o Lusitano local e o Farense, vencendo os donos da casa por 3-0.

Jogo muito equilibrado, pertencendo o maior domínio territorial aos vencedores.

Francisco S. Lourenço

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

Por esse Mundo fora...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

alto cargo, numa cerimónia a que assistiram, além das mais importantes individualidades brasileiras, representantes de cinquenta e dois países. Num breve discurso, o novo Presidente falou da orientação do seu governo, orientação que se baseia predominantemente na segurança económica, no bem estar colectivo e na segurança social.

A Assembleia Geral das Nações Unidas confirmou por quarenta e quatro votos contra sete (Índia, Birmânia, Rússia, Checoslováquia, Polónia, Bielo-Rússia e Ucrânia) e oito abstenções, a moção aprovada pela Comissão Política, considerando a China comunista de agressora na questão da Coreia. A moção aprovada deixa a porta aberta para negociações e só se estas falharem é que se tomarão sanções.

Um dos candidatos nas próximas eleições presidenciais austriacas é um autêntico Habsburgo. Trata-se do Dr. Max Hohenberg, filho mais velho do arquiduque Francisco Fernando, cuja morte em Sarajevo, em 1914, foi a causa próxima da primeira guerra mundial, e da condessa Sophie Chotek. O preferido candidato esteve preso no campo de concentração de Dachau, onde conquistou gerais simpatias.

Em Genebra, faleceu recentemente o marechal Mannerheim herói da independência e antigo chefe do Estado finlandês. Tendo abandonado o Poder em 1919, dedicou-se exclusivamente a uma meritória tarefa de cultura e melhoria social, especialmente pelo que respeita à protecção da infância. Em 1939-40, todavia, a sua experiência militar, foi de novo utilizada na defesa do país perante o ataque russo.

IMPARCIAL

NA HORA da Partida

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

doce começam enrijecendo nas vitrinas e os vinhos generosos e as bebidas tropicais já deixam do bailar, como faziam ao ver-nos entrar de cáqui...

Desesperados, o peixe, as frutas e os legumes vendem-se por mais baixo preço, como cortesãs abandonadas pelos senhores feudais...

No teatro e nos salões de baile, as cadeiras muito hirtas, muito sózinhos rangerão sob uma cortina de pó... Os torreões do quartel, todos dum amarelo escarninho, não se sentirão agor, va arranhados pelas botas dalgum ousado Romeu, que troca seu bem estar por uma palavra, um beijo, um olhar da sua Julietta, depois das 9 horas! As cornetas não-de calar-se emocionadas, em sinal de luto... E o silêncio nestas ruas que eu exaltei, em termos românticos, há-de cavar-se mais fundo, lembrando o bater de nossos tacões cardados, os trambulhões que damos nos primeiros dias, ao ensaiar as primeiras continências, e as cantigas de amor, que cantamos debaixo de certas janelas...

A «praga cinzenta» desaparecerá... Mas acreditem, Meninas e meus Senhores, que levaremos no coração noites de sonho, «flirts» de jardins, tardes de praia, olhos sedutores em tal quantidade, que o seu peso excederá aquele que nos faziam levar às costas, nos dias de marcha... Porque não-de convencer-se que não somos tão maus como nos fazem crer, nem tão bons que as julgemos indignas dos nossos madrigais...

M. C. da Silva

António Viana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

acolheram com entusiasmo vulgar, apresentam-no, sem favor, como compositor eminente, cuja alma vibra no sentimento profundo das mais simples canções.

O Dr. António Viana acaba de desaparecer. Era natural do Porto. Formou-se em Coimbra ao lado de Afonso Costa, Manuel Fratel e Manuel Duarte. Evidenciou-se desde rapaz apaixonado pela música, recebendo ensinamentos de Ciriaco e Manuel Benjamim. A ele se deve quase toda a música da récita tradicional do seu 5.º ano.

Quando o conhecemos, advogava. E não resistimos à tentação de o convidar para escrever música para a nossa peça de estreia, como escritor teatral: uma opereta para o Carlos Alberto. O sucesso foi enorme.

Anos se passaram. O Dr. Viana deixou o Porto. Transitou para Lisboa. Foi redactor do «Século» e pouco depois escrevia-nos de Paris onde se conservou largo tempo.

De regresso à Pátria, após a primeira Grande Guerra, dedicou-se às suas canções, que compunha animadamente, as quais se encontram em quatro livros de incontestável beleza.

Os que o lembram, os que nunca o esqueceram, os que foram seus companheiros durante a boémia dos verdes anos, separados agora pela caturrice da impertinente velhice — molestia incurável —, os que com ele abraçaram a mesma singela ideia para a elevação da música popular, conservando ainda no ouvido os sons tão fáceis da sua inspiração, movidos pelo seu talento, arpejam-se perante o laconismo banal da notícia da sua morte vinda nos jornais, ligeira e fria, vulgar, torturando até às lágrimas. Francamente, o Dr. António Viana merecia mais, muito mais. Que tristeza!

Naqueles áureos tempos de 1912, em que o artista, sentado ao piano, tinha a sua volta elevado número de senhoras que interpretavam as suas inspiradas canções, como rezam as gravuras da notável publicação do «Século» da data apontada, o fulgor da sua arte não andava arredado do prestígio ganho.

Fazia-se-lhe justiça. E com que graça a simpática Maria Allen cantava a expressiva *Eterna Canção*, de Júlio Dantas, na música transcendente do Dr. An-

A lição da História

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

posta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou se não padeça ou se não tema; nem bem que seja próprio nem seguro.

Junte-se a isto a ambição da predominância dum povo sobre outros povos, o latrocínio e a pirataria tornados leis dos Estados, com as vergonhas inerentes a estas extorsões tornadas em leis oficiais.

Assim foi no Passado, e assim é presentemente.

Há poucos anos terminou a segunda Guerra Mundial, e, não obstante se falar em paz universal, o que se vê? Nova guerra temos no Oriente, talvez precursora da terceira Guerra Mundial, o que Deus tal não permita.

Assembleias universais, discussões, palavreado, e nada mais... — De tanta verborreia ainda não saiu um facto concreto, positivo, a favor da Paz, neste infeliz planetal...

Será um facto que a Humanidade sofre de loucura incurável que nos levará à destruição colectiva? Tudo parece indicar que sim, pois a História é uma velhota que se repete sem cessar.

E é esta a tremenda lição que nos dá a História...

Triste, miserável e vergonhosa lição, na verdade!...

Damião de Vasconcelos

tónio Viana, que estes lindos versos sugeriram:

Olho as nuvens doiradas, pelos ares,
Breves como a ventura que perdi...
Olho estrelas do céu, ondas dos mares,
E só te vejo a ti!

—Olho os campos onde a água é um lamento,
E a voz de oiro das aves canta e ri...
—Olho uivar os pinhais, gemer o vento,
E só te escuto a ti!

Tudo — nuvens, estrelas, céu profundo,
Tudo se me turvou quando te vi...
E não há-de tu ser todo o meu mundo,
Se eu só te adoro a ti!

Hoje é o que se vê. Já ninguém o ouve, poucos se recordam de ele. O mesmo sucedeu a Ciriaco Cardoso, a quem a Câmara do Porto galardoou, dando o seu nome a uma ruela de Lordelo, e o mesmo sucedeu também a Pedro Bandeira, que tanto se sacrificou pelo teatro.

A verdade, a triste verdade, é que nem sempre a felicidade sorriu ao mestre da Canção Portuguesa. Como a maior parte dos artistas, teve os seus sofrimentos dolorosos, as suas amarguras dilacerantes. São as canções que o dizem abertamente. Não há uma única onde deixe de transparecer a nuvem sombria da mais profunda saudade. E' aí que está o maior encanto das suas produções, porque o sentimento, como a saudade, caracteriza intensamente a música portuguesa, tornando-a diferente de todas as outras e logo conhecida aos primeiros acordes. E o sentimento vai além do ritmo, é o segredo dessa música, como ouvimos dizer a D. João da Câmara. E' de todos, enquanto que o ritmo é só de um, do compositor.

As telefonias, de quando em quando, transmitem uma dessas canções que ficaram no coração do povo. Ainda há dias a ouvimos.

Sabemos como foi feita, porque foi ele quem a pensou para lhe darmos forma poética.

Uma mulher chama: — O' Ana? O' Ana?

Outra responde: — Senhora, minha Mãe, vou já!

De princípio, a canção parece enveredar por caminho alegre, como profetizava o espirito original do autor; mas logo tudo se esbate num fundo de intranquilidade, de dúvida, de martírio, que o sossego da aldeia acolhe suavemente.

E' assim toda a nossa música, desde os descantes campestres até ao fado que a velha Mouraria apresenta na voz plangente das mulheres desiludidas e das guitarras lacrimosas.

O Dr. António Viana adorava a música como adorava os seus filhos, preocupação constante da sua vida. Levou-o a morte, deixando-os no pranto sincero do agradecimento, derramado junto do seu ataúde. Paz à sua alma.

Acúrcio Cardoso

Adeus, Tavira!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mas, subiam melancolicamente as notas embaladoras de uma harmonia sentimental de Schubert ou de Mozart!

Adeus, poesia nostálgica das águas inconstantes do Gilão!

Noivado inspirativo das amendoiras em flor! Vagos horizontes esbatidos de Azul e de Melancolia... Adeus!

Adeus, Algarve!... Parto com saúdes.

E, ao dobrar a curva final em que te ocultes a meus olhos (e, quem sabe, talvez, se para sempre!), hei-de acenar-te com um lenço, feito de um pedacinho da minha alma sonhadora...

E tu, tenho a certeza, há-de despedir-te de mim também com um soluço imenso do teu peito, sentido e magoado como um desfolhar das tuas amendoiras que,

Pela Província

Concelção de Tavira

No dia 2 do corrente mês, foi encontrado morto junto à bermã da Estrada Nacional, nesta freguesia, o mendigo Firmino Armeiro.

Atribu-se o seu falecimento ao frio. O falecido há muito tempo que mendigava e era muito conhecido nesta freguesia.

Tomou conta da ocorrência o regedor, sr. João Maria das Chagas, que com as autoridades do concelho mandaram proceder ao seu enterramento.

Santa Catarina

No dia 3 do corrente, realizou-se nesta aldeia o enlace matrimonial do nosso assinante sr. José Mendonça Viegas Júnior, comerciante, residente em Tavira, filho do sr. José Mendonça Viegas, comerciante de filhos, e da sr.ª D. Custódia das Dores Viegas, com a sr.ª D. Miquelina Lopes Miguel, premdada filha do sr. Francisco Miguel, proprietário, residente nesta aldeia, e de sua esposa sr.ª D. Maria da Assunção Lopes Miguel.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, sua cunhada sr.ª D. Eulália José do Nascimento Viegas, esposa do sr. Sebastião de Mendonça Viegas, e o sr. João Dias Pinto Pires, comerciante, residente em Faro; e, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Aura de Abreu Fernandes, esposa do sr. Joaquim Fernandes, comerciante em Tavira, e o tio da noiva sr. Victorino Miguel, comerciante e correspondente do nosso jornal em Santa Catarina.

Após o casamento, foi servido um magnifico copo de água e um delicioso lanche em casa do tio da noiva, sr. Victorino Miguel, a um grande número de convidados.

Os noivos fixaram residência em Tavira.

Aos conjugues desejamos muitas felicidades.

Luz de Tavira

Com 94 anos de idade, faleceu, no passado domingo, nesta localidade, o sr. João Correia Pacheco Dourado, proprietário.

O falecido, que contava geral simpatia, era pai dos srs. José Correia Pacheco Dourado, Joaquim Correia Pacheco Dourado, João Correia Pacheco Dourado, Francisco Correia Pacheco Dourado e da sr.ª D. Maria da Conceição Correia Dourado; sogro das sr.ª D. Celsina Evangelista Dourado e D. Lucília Lopes Dourado; avô dos srs. José António Correia Dourado, João Martiniano Lopes Dourado, Joaquim Pinto Correia Dourado, António Lopes Correia Dourado, Francisco Evangelista Correia Dourado e da sr.ª D. Maria Natália Lopes Correia Dourado e bisavô do menino Carlos Alberto Bernardes Dourado.

O funeral, que se realizou no mesmo dia, foi um dos mais concorridos a que aqui temos assistido, não obstante o mau tempo.

A família enlutada envia o «Povo Algarvio» sentidas pêsames.

Já com duas centenas de sócios, aproximadamente, o novo Clube Columbófilo Luzense progride de dia para dia, graças ao esforço dos seus dirigentes e, em especial, do verdadeiro «aficionado» sr. Júlio Pinto.

Hoje, realiza-se mais uma corrida-treino, com partidas de Tunes.—E.

Agradecimento

Maria da Conceição Feliciano, Manuel da Conceição Feliciano e Domiense Mendonça Feliciano, vêm por intermédio deste jornal agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada sua saudosa mãe, sogra e avó.

Grande Enciclopédia

Portuguesa e Brasileira

O último volume publicado desta excelente obra, na palavra Povo, ao referir-se ao nosso jornal, traz erros que convém emendar para abono da verdade.

A nota diz o seguinte: «Povo Algarvio», em Tavira, de 21-11-1929 a 1931 (quinzenário independente, dirigido por Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, sendo seus redactores Manuel Virgínio Pires e Renato Mansinho da Graça, editado por Armando da Silva Fernandes e administrado por Rodrigo Sá Aboim): idem de 27-5-1934 a 1938 (semanário regionalista, sendo seu Director, editor e proprietário Jaime Bento da Silva e redactor principal Manuel Pires).

Ora, a referida informação não está certa; pois, na sua primeira fase, o «Povo Algarvio» teve como director o sr. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, desde a sua fundação até 19 de Outubro de 1930. Em 2 de Novembro de 1930, passou a ter como directores e editores Armando da Silva Fernandes, Joaquim Pires Faleiro e Manuel Virgínio Pires. Em 16 de Novembro de 1930, passou a semanário.

Na sua segunda fase, pelo exposto na Enciclopédia, dá a impressão que o jornal terminou em 1938, quando é certo que ele foi dirigido pelo sr. Dr. Jaime Bento da Silva até 8 de Setembro de 1946; e, daí até á presente data, tem como Director Isidoro Manuel Pires, e como proprietário e editor Manuel Virgínio Pires.

De resto, os dirigentes da Grande Enciclopédia sabem perfeitamente que felizmente o nosso jornal ainda existe.

BERNARDO DE PASSOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

cou brilhantemente a memória de Bernardo de Passos. O busto do poeta parece animar-se; é porque as palavras do orador fazem recordar-nos a sua bondade; e, ao olharmos o seu busto carinhosamente feito por sua irmã e que tão bem reproduz a expressão que ele tinha em vida, a nossa imaginação supõe que a alma do poeta desceu até nós e que ele assistia connosco à homenagem que o Algarve, que ele tanto amou, lhe prestava.

A importância do livro, resultante do leilão, foi entregue pelo sr. António Júde de Magalhães Barros ao sr. D. Caetano Feu; e, por este, ao Dr. Alberto Sousa, membro da Comissão Organizadora do Monumento ao Poeta.

No dia 29 de Outubro de 1931, data do aniversário natalício do autor do «Grão de Trigo», o Dr. Ludovico de Menezes deslocou-se de Lisboa a S. Braz de Alportel, afim de realizar uma conferência, em que analisou a obra de Bernardo de Passos.

Em 29 de Outubro de 1941, foi feita a trasladação da urna do jazigo do Dr. José Dias Sancho para o seu jazigo monumento em S. Braz de Alportel.

Este monumento funerário foi construído em estilo ogival, ocupando a superfície de 14 metros quadrados, e os seus pináculos, de forma cónica, atingem 12 metros de altura. A porta do jazigo figura uma enorme lira com três metros de comprimento, pintada a ouro e coroada por uma lápida, gravada com o soneto «Regresso».

A urna fica ao centro do jazigo, assente sobre as asas do Pégallo.

O monumento que a família do poeta lhe ergueu é de forma hexagonal, tendo em cada face baixos relevos alusivos a poesias dos seus livros. Na parte superior de cada face, abre-se uma janela de dois metros de altura, com vitrais.

(Continua) Luís Bonifácio

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Empresa de Espectáculos Tavirense
TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO
 S. A. R. L.
TAVIRA

Aviso Convocatório

Convoco os senhores accionistas a reunir no próximo dia 28 do corrente, pelas 15 horas, em Assembleia Geral Ordinária, na sede do Edifício do Teatro, a fim de ser discutido e votado o relatório e contas da gerência de 1950, e Parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo número suficiente de accionistas para a Assembleia Geral funcionar, fica desde já convocada nova reunião para o dia 18 de Março de 1951, com o mesmo fim, à mesma hora e local.

Tavira, 8 de Fevereiro de 1951.

O Presidente da Assembleia Geral,

José Augusto Soares de Matos

Já V. Ex.^{as} provaram o vinho da marca
NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente
 passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualida-
 de de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J. A. Pacheco
 de Olhão — Avenida da República, 202.

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de
 marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade,
 não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer
 não, o que casa alguma pode competir devido aos habi-
 tuais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith,
 Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zo-
 ty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Wa-
 tez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

J. A. Pacheco
TAVIRA

Fábricas de moagem de
 Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada
 a um escrupuloso fabrico fazem
 com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do
 público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

TRIBUNAL JUDICIAL
 COMARCA DE TAVIRA

Anúncio

(2.^a Publicação)

Pelo Juizo de Direito da Co-
 marca de Tavira e respectiva Se-
 cretaria Judicial, Secção de Pro-
 cessos, pendem uns autos de
 Execução Sumária em que é Exe-
 quente Joaquim de Castro, casa-
 do, trabalhador, residente no si-
 tio da Igreja, freguezia da Luz,
 desta comarca e Executada Ja-
 cinto Maria Valente, viúva, pro-
 prietária, residente no sitio do
 Pinheiro, da mesma freguezia e
 comarca, e neles correm éditos
 de vinte dias citando os credores
 desconhecidos para no prazo de
 dez dias, findo o dos éditos que
 começará a contar-se da segunda
 e última publicação deste, dedu-
 zirem os seus direitos, nos ter-
 mos dos art.^{os} 864.^o e seguintes
 do Código de Processos Civil.

Tavira, 13 de Dezembro de
 1950.

O Chefe da Secção de Processos,

Humberto José Aleixo Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

*Hernâni Gil Cruz de Campos
 Lencastre*

JOP
JOPINHAL

Vinhos de mesa

Casa de Habitação

Vende-se na Rua Gonçalo Ve-
 lho, n.º 22 e 24, com chave na
 mão.

Mostra e aceita proposta An-
 tónio Seita Valente, na Praça
 da República, 28 e 29—Tavira.

João Diogo Marreiros Neto

João R. Cardoso
 ADVOGADOS

Consultas aos Sábados

SOUSA GAGO

SOLICITADOR-ENCARTADO

Rua 1.^o de Dezembro, 25-1.^o
 Telef. 478 FARO

Vendem-se

Três courelas. Duas em San-
 to Estêvão e uma no Malhão.

As de Santo Estêvão constam dum bom ramo de alfarro-
 beiras com um armazém. A do
 Malhão tem casas de habitação
 e um bom ramo de alfarrobeiras.

Quem pretender dirija-se a
 Olívio P. Soares—Tavira.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO
 TOMOGRAFIA
 ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a
 Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

Companhia de Pescarias
BARRIL OU TRÊS IRMÃOS

(S. A. R. L.)

Sede em Tavira

Assembleia Geral Ordinária

1.^a e 2.^a Convocatórias

Em conformidade com os Estatutos desta Companhia,
 é convocada a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no
 próximo dia 11 de Fevereiro p. f.º, pelas 15 horas, afim de
 se pronunciar e deliberar sobre os numeros 1.º, 4.º, 5.º,
 6.º e 9.º, do Artigo 14.º dos mesmos Estatutos.

Não havendo numero legal de accionistas ou capital
 para poder funcionar a Assembleia, na data acima indi-
 cada, fica desde já marcada para o dia 4 do próximo
 mês de Março, às horas e local acima mencionados.

Tavira, 26 de Janeiro de 1951.

O Presidente da Assembleia Geral

a) *João Pimentel Pinto de Vasconcelos*

Dos Livros...

A «Marquesa» sonhava

Desde há muito que a colecção «Os
 melhores romances policiaes», da Livra-
 ria Clássica Editora, tem os seus crédi-
 tos formados e estáveis, mercê da apre-
 sentação dos volumes, da categoria dos
 seus autores, das criteriosas traduções,
 enfim, do seu conjunto.

Dizem-no, ou melhor, provam-no exu-
 berantemente os seus 95 volumes, den-
 tre os quais se contam doze «Grand-
 -Prix» dos «Romances de Aventuras»
 (Paris) e alguns prémios «Quai des Or-
 ivres» e do «Romance Policial» (Paris).

Vem isto a propósito do interesse
 com que recebemos o último volume
 daquela colecção, intitulada «A «Mar-
 ques» sonhava», da autoria de Jean
 Le Hallier, traduzido por Maria Fern-
 anda Ramo Chaves e que, como os
 anteriores, se apresenta com simpático
 aspecto gráfico.

Para se ter uma noção do valor po-
 licial do romance em questão, basta
 dizer que são seus personagens o «che-
 fe», o «sócio» e a «marquesa», esta so-
 bejamente conhecida de quem leu «Um
 Certo Senhor» e «O sr. Flip ignorava
 a sua morte».

VENDE-SE

Um prédio na Rua D. Paio
 Peres Correia (Rua de S. Ti-
 go) com os n.ºs 18 e 20, com
 chave na mão.

Nesta Redacção se informa.

SALINAS

Arrendam-se as pertencentes
 a Celestino dos Santos Amaro.

Recebem-se propostas em car-
 ta fechada nesta Redacção, até
 ao fim do mês de Fevereiro.

Perdeu-se

Relógio de pulso, marca Ôme-
 ga, desde a Casa Unil até à
 Fábrica Balsense.

Dão-se alvissaras a quem o
 entregar nesta Redacção.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avonida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quin-
 tan-feiras, no escritório
 do sollicitador Carmo Peres

Anúncio

Correm éditos de 60 dias, a partir da
 2.^a publicação deste, notificando o réu
 Jaime Sezinando Monteiro Baptista, sol-
 teiro, de 25 anos, empregado de escri-
 tório, que foi residente nesta cidade,
 actualmente ausente em parte incerta,
 para comparecer neste Juizo a fim de
 responder nos autos de Querrela que
 lhe move o Ministério Público pelo cri-
 me dos art.^{os} 453, com referência ao n.º
 4 do art.^o 421 e n.º 3 do mesmo artigo,
 todos do Código Penal, sob pena de o
 processo seguir à sua revelia.

Decorrido o prazo dos éditos poderá
 o réu ser preso por qualquer pessoa e
 deverá sê-lo por qualquer oficial de Jus-
 tiça para ser presente neste Juizo.

Tribunal Judicial de Tavira, 30 de
 Janeiro de 1951.

O Juiz de Direito

Hernâni G. Cruz de Campos Lencastre

O Chefe da Secretaria

Dias Ferreira

**Santa Casa da Misericórdia
 DE TAVIRA**

Cobrança de Foros

Encontram-se a pagamento os
 foros e juros desta instituição de
 assistência, respeitantes aos anos
 de 1949 e 1950.

Todos os dias úteis se atende na
 casa do cobrador sr. Manuel Ale-
 xandre dos Santos Júnior—CASA
 BRASIL—Rua da Liberdade—TA-
 VIRA.

CARIMBOS

Em borracha, fabricam-se com a máxima
 perfeição na «Tipografia Povo Algarvio»

IMPRESSOS

Executam-se de todas as espécies, em tipos modernos.

Participações, cartões de visita,
 trabalhos comerciais, etc. etc..

Empresa de Publicidade Algarve, L.^{da}

Rua Dr. Parreira, Telefone N.º 127-TAVIRA